

Entre silêncio e movimento: a criação coreográfica de *Orí Omín Ejá* no diálogo com a ancestralidade

Carlos Henrique Vidal Da Silva - Universidade Federal de Uberlândia -
Chenriquevidals@gmail.com

Somos abençoados pelos Orixás justamente naquilo que nos desafia. Escolhida por Iemanjá Ogunté, a intérprete Francielly Barreto, sob direção de Henrique Vidal, reativou a performance *Orí Omín Ejá: O silêncio da camarinha*, apresentada no evento ATUARTE, no Departamento de Dança da Universidade Federal de Sergipe. Este artigo emerge da transcrição em movimento e propõe analisar a composição coreográfica afro-brasileira a partir de um olhar de/contracolônia (Bispo, 2023). A partir de um mergulho interior, imerso em memória e ancestralidade (Santos, 2020), foi possível reviver a travessia iniciática do *abian* ao *yawô*, e compartilhar com o público o sentimento de viver novamente. O tempo, como agente de memória, entrelaça-se à ancestralidade na busca de um corpo que atravessa diversas calungas. Em cena, constrói-se o corpo-tela (Martins, 2021) como narrativa subjetiva desse rito de passagem. Entre o recolhimento do *runkó* e os ensinamentos do silêncio, o corpo dança seus equilíbrios, carregando marcas ancestrais da África ao Brasil. Inspirada na vivência com Iemanjá Ogunté, a performance é rito e movimento, memória e sobrevivência afro-diaspórica (Taylor, 2013), é o *orí* que se reencontra na dança, reinventando-se em travessia.

Palavras-chave: corpo-tela; ancestralidade; dança ritual; criação afro-brasileira; *orí*.

BISPO, Antônio. ***A terra dá, a terra quer***. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.

MARTINS, Leda Maria. ***Performances do tempo espiralar***. Belo Horizonte: Perspectiva; Mazza, 2021.

SANTOS, Irayncina Falcão do. ***Corpo e ancestralidade: o movimento da memória nas danças afro-brasileiras***. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2020.

TAYLOR, Diana. ***O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas***. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.